

The image features a close-up of two hands clasped together in a firm grip. The hands are positioned in the upper half of the frame, with the fingers interlaced. The background is a warm, golden-yellow color, suggesting a sunset or sunrise, with a soft, hazy light. In the lower half of the image, there is a textured, sandy surface with small dark specks. The overall mood is romantic and intimate.

M A R I S I L L V A

AMOR PROIBIDO

P O L I C I A L B A R R E T O



Amor Proibido

Policia! Barreto

Mari Sillva

1ª. Edição

2018

Copyright © Mari Sillva

Capa: **LA Capas**

Revisão: **Hellen Caroline**

Diagramação: **Criativa TI**

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o

consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Epígrafe

“Eu não me importo se você é negro, branco, hetero, bissexual, gay, lésbica, baixo, alto, gordo, magro, rico ou pobre. Se você for gentil comigo, eu serei gentil com você. Simples assim. Apenas siga o exemplo e passe a diante.”

(Eminem)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Barreto

— Obrigada, meu filho. Nem sei como agradecer por tanta gentileza! — agradece sorridentemente a senhora com o vestido de estampa “alegre” assim como o seu sorriso.

Durante uma rotineira ronda pelo morro da Rocinha, percebi sua dificuldade em carregar as sacolas de compras e me ofereci para ajudá-la. Segundo ela, teve que descer mais de dois quilômetros “favela a baixo” no escuro da madrugada para comprar — o que até poderia ser pouca coisa aos olhos —, mas provavelmente iria alimentar a família toda por, no mínimo um mês, ou mais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensar nisso corta meu coração. Me compadeço com o sofrimento alheio desde pequeno, às vezes colocando a felicidade dos outros acima da minha. O que é um erro, afinal, a maioria das pessoas não valoriza esse tipo de ato da nossa parte. Na verdade, usa e abusa depois joga fora como algo descartável e passa para a próxima vítima.

Ajudo a senhora amável e simpática a chegar até sua casa, carregando suas bolsas em uma mão e oferecendo o outro braço como apoio, já que a mesma parece estar cansada de tanto andar.

Vimos conversando animadamente sobre como tinha sido sua manhã. Ela não para de tagarelar durante o caminho todo, mas adoro pessoas assim, comunicativas. Dona Maria gosta de uma boa proza. Em dez minutos deve ter me contado pelo menos a metade da sua vida, que, para

PERIGOSAS ACHERON

quem tem mais de cinquenta anos, não é pouca coisa.

— Chegamos, meu filho. Aqui é o meu barraco. — Aponta o dedo magro para a pequena casa de tijolos alaranjados ainda sem embolso. Já faz um tempo que planejo poder montar um projeto bacana para, no futuro, ajudar os moradores de comunidades carentes como a Dona Maria, que vive em uma situação precária, privada de qualquer tipo de conforto.

Matam um leão por dia, apenas para ter o que comer na mesa.

— Tchau, Dona Maria. Foi um prazer conhecer a Senhora. — Entrego as sacolas e beijo seu rosto, então sua expressão fica brevemente séria devido à surpresa do meu gesto visivelmente inesperado por ela.

Sua mão com a cútis levemente enrugada

alisa a bochecha desconfiada e simplesmente sorri, em seguida beija meu rosto de volta, com os olhos transbordando gratidão.

— Vá com Deus, querido. Não sabia que existiam “polícias” de coração bom como o do Senhor! — Abraça-me de forma carinhosa, de um jeito tão doce que me faz lembrar da minha querida mãe quase de imediato.

— Que isso, Senhora, não fiz mais do que a minha obrigação. — Sou sincero. Não é correto receber elogio por fazer o que é certo. Não vejo gentileza como qualidade, mas sim um costume que as pessoas devem praticar todos os dias.

Com um aceno de cabeça, despeço-me e volto para o meu posto de guarda. Graças a Deus, depois da morte do grande traficante Binladem, esse lugar está pacificado. Para que continue assim por um bom tempo, a mando do Delegado Avilar,

PERIGOSAS NACIONAIS

fazemos rondas aqui com frequência. Eu gosto desse tipo de trabalho, afinal, é bem melhor do que ficar enfiado naquela delegacia o dia todo.

Faz poucos meses que voltei à minha rotina normal de trabalho, mas as cicatrizes daquele dia horrível que me deixou internado no hospital entre a vida e a morte estão por todo meu corpo. Principalmente o coração. Perdi alguém que eu amava bem diante aos meus olhos, da forma mais cruel possível. Ainda escuto seus gritos de dor e medo até hoje.

Enfim... Não quero pensar nisso agora. Talvez com o tempo, a saudade e a tristeza diminuam um pouco.

— Droga! — resmungo assim que sinto um pingo gelado cair na ponta do meu nariz. Para piorar, está começando a chover.

Saio correndo e me escondo debaixo da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

varanda da primeira casa que encontro, para tentar pelo menos me manter seco. Já estou tremendo de frio faz tempo. Sento-me no muro para descansar um pouco, minhas pernas latejam em forma de protesto de passar horas andando de um lado para o outro.

Em uma breve análise do lugar onde estou, como todas as residências aqui, essa é pequena, no máximo quatro cômodos, talvez. O proprietário dela é bastante caprichoso, afinal, é possível notar de longe o zelo com a sua moradia. Pelo menos do lado de fora a bela pintura das paredes em um tom verde esmeralda e as janelas simples de vidro muito bem limpas, é a confirmação disso.

O chão da varanda, mesmo sendo de vários pedaços de cerâmica diferentes — devido ao formato irregular de cada uma delas fora pego no resto de alguma obra —, foi tão bem colocado que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a impressão que passa é que, quem fez, realmente teve a intenção de fazê-lo daquele jeito e não se tratava do aproveitamento de algo que não tinha serventia para outra pessoa.

— Eu tenho vergonha de ser seu pai. Some daqui, seu lixo. Não precisamos do seu dinheiro. Depois de tudo o que fizemos para que ganhasse uma bolsa em medicina, agora trazer tanta vergonha para a nossa família... — Dou um sobressalto ao ouvir gritos vindos de dentro da casa, o que parece ser um desentendimento familiar.

Tem tanto ódio no tom da voz que chega a ser assustador. Sei que devo sair daqui e parar com isso de ouvir a conversa dos outros. Mas ouço uma outra voz, que faz meus pés fixarem ao chão, tomando minha total atenção.

— Por favor, pai. Eu não pedi para nascer assim. Se eu tivesse escolha, jamais seria algo que

PERIGOSAS ACHERON

pudesse lhe envergonhar dessa forma. — Posso sentir a dor do rapaz refletindo em mim. Sei exatamente como é ser discriminado pelas pessoas por algo ao qual eu não tive escolha.

— Some daqui antes que eu perca a cabeça com você, seu doutorzinho de merda! O que adianta ter um filho médico, se ele é um... — Seja o que fosse que o pai dele iria dizer, é tão ruim que não consegue nem completar a frase.

Primeiro um silêncio crucial se faz presente, depois escuto passos rápidos vindos em direção à porta. Eu sou obrigado a correr e me esconder no primeiro beco escuro que encontro.

De lá observo à espreita quando aparece — o que suponho ser — o rapaz humilhado pelo pai. Ele é alto, negro e de porte físico másculo. Aparenta ter uns vinte e sete anos, no máximo, segura uma maleta na mão e está vestido de branco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sai chorando em silêncio debaixo da chuva. Mesmo neste frio, não está agasalhado, o que me preocupa bastante. Pode pegar um resfriado depois.

Sua expressão de dor é de partir o coração. Mesmo sendo muito estranho para alguém que acabo de conhecer, a dor dele também dói em mim. Queria correr até ele e abraçá-lo dizendo que tudo ficará bem, mas infelizmente a única coisa que posso fazer é observar o misterioso rapaz virando a esquina e indo embora, levando consigo a dúvida se o veria algum dia novamente. Minha vontade é que sim.

— Chega de ronda por hoje, Barreto, e tire essa cara de idiota do rosto. Vamos achar o resto da equipe e logo ir para casa. — O Delegado Ricardo Avilar aparece do nada, saindo de uma viela da Rocinha com a habitual cara fechada, e o uniforme todo molhado, me tirando do meu pequeno transe.

PERIGOSAS ACHERON

— O senhor manda, Delegado — respondo, ainda meio perdido em meus pensamentos. A imagem do rapaz chorando se impregnou em minha mente de uma forma assustadora.

— O que está acontecendo, Barreto? Você não é desatento assim. Aprenda uma coisa: e há algo ou alguém tentando te derrubar, é porque de pé você faz um grande estrago. Na vida sempre vão existir pessoas querendo te destruir, não facilite o trabalho delas. — O Delegado Avilar bate em meu ombro.

Ele é um profissional excepcional, mas como amigo é ainda melhor.

— Está coberto de razão, Delegado. Marcalmo nunca fez bom marinheiro. Os melhores são revelados nas águas agitadas.

— Ah, cala a boca, Barreto. Não comece com essa sua filosofia barata porque não estou com

paciência. A Júlia já me irritou o suficiente por hoje. — Bufa, revirando os olhos, visivelmente desprovido de paciência, enquanto passamos por uma estrada estreita apertada.

Gargalho quando ele solta um palavrão daqueles depois de escorregar e quase cair de cara no chão. Tem lama por toda parte por aqui devido à chuva.

— O que a Júlia aprontou dessa vez, chefe? Ou melhor, o que o Senhor pensa que a coitada fez? — Não consigo segurar o riso ao perguntar. O homem para de andar e me olha, parecendo estar com o diabo no corpo.

— De coitada aquela mulher não tem porra nenhuma, mas deixa quieta. Quando aparecer alguém na sua vida e virá-la totalmente de cabeça para baixo, como essa mulher fez comigo, vai saber o que estou passando na mão da minha futura

PERIGOSAS NACIONAIS

esposa. — Ele sorri apaixonado. Esses dois se amam cada dia mais.

— Apesar de os dois brigarem feito cão e gato a maior parte do tempo, acho lindo o amor de vocês. — Respiro pesadamente, lembrando-me da época em que eu era feliz ao lado do meu amor. Éramos tão felizes juntos.

— Oh, Barreto, me perdoe por tocar nesse assunto sentimental com você. Sei como é devastador estar de luto pela perda de alguém que foi muito importante em nossa vida.

— Tudo bem, chefe. Fico feliz que pelo menos um de nós aqui é feliz no amor. — Dessa vez sou eu que toco seu ombro. Tento sorrir, mas estou quebrado demais por dentro para que pareça sincero.

— Eu também sei, Barreto, que se deixar a dor te consumir dessa forma, vai acabar morrendo

PERIGOSAS ACHERON

também. Eu quase morri. Se não fosse a Júlia aparecer na minha vida, não sei se estaria aqui conversando com você agora.

— Só preciso de um pouco mais de tempo. Não se preocupe, chefe, eu vou ficar bem. — Pelo jeito piedoso que ele me olha, acho que não são tão convincentes como penso.

— Bem e cheio de lama, meu amigo.

— Como assim, Delegado? — Mal acabo de falar e já estou sendo jogado no chão feito uma casca de banana, e o Delegado correndo na frente, rindo alto da traquinagem que fez me empurrando.

— Isso não vai ficar assim não, hein, cara!
— Levanto e vou atrás dele.

Como eu amo trabalhar nessa equipe de policiais loucos.

Meio que de relance, desvio o olhar para o lado, vendo a imagem do Rio de Janeiro coberto

PERIGOSAS NACIONAIS

por nuvens escuras, molhadas com os milhares de gotas vindas do céu carregado por ventos fortes de todos os lados. É assim que me sinto por dentro. Uma tempestade sem fim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Passaram-se alguns meses e eu não vi mais o rapaz que me chamou tanto a atenção no morro. Como hoje é meu dia de folga, uma bela manhã de domingo, resolvo ir almoçar com meus pais, como de costume. Faz um ano que eles adotaram, de um caso do meu trabalho, três irmãos que sofriam maus tratos pela mãe. No começo estavam meio arredios, mas agora parece que nasceram de fato na nossa família. Eu os amo como se os conhecesse a vida toda.

Desço assobiando até a garagem e pego meu carro. Assim que saio da garagem do prédio onde moro, sou obrigado a frear, quase acertando em cheio a filhinha de seis anos dos meus vizinhos.

— Tio Barreto, Tio Barreto... Socorro! Eles

vão matar o meu cachorro. — Saio do carro na mesma hora.

A pequena vem correndo na minha direção, gritando, desesperada, o cabelo loiro longo ondulado voando alvoroçado com o vento forte. Fico com pena do sofrimento estampado em seu rostinho. Cheia de medo que alguma coisa aconteça com seu cãozinho.

Se joga no meu colo chorando, repetindo várias vezes que se eu não fosse ajudá-la o pior aconteceria. Coloco-a no chão e abaixo para ficar na altura dela, vendo seus olhinhos cheios de lágrimas.

— O que aconteceu com o seu cachorrinho, princesa?

— Dois meninos malvados prenderam o Toby na cerca de arame farpado. Por favor, me ajuda a tirar ele de lá? — De repente ela sai

PERIGOSAS NACIONAIS

correndo, desenfreada, sem olhar para os lados ao atravessar a rua. Vem uma moto correndo muito em sua direção.

Corro na frente da moto e imediatamente empurro a pequena para fora da rua, mas o carro que vem atrás acaba me acertando em cheio. A partir daí não me lembro de mais nada, só de algumas pessoas gritando, e o barulho de uma sirene tocando.

Quando acordo, estou em um quarto de hospital com o braço enfaixado e a visão meio turva devido a uma dor terrível na têmpora. Está tudo girando à minha volta.

Com muita dificuldade abro os olhos lentamente, deparando-me com a imagem de um anjo negro de olhos castanhos da cor de pistache. Nem marrom ou alaranjado, algo inesquecível. Lindos e tristes. Mas o seu sorriso está mais para

PERIGOSAS ACHERON

primavera, alegre e cativante.

Está todo vestido de branco, uma espécie de casaco de tecido mole e comprido com botões grandes e bolsos também. Altamente costurado em um corte quadrado emoldurando o corpo grande com porte de atleta. É alto e de boa aparência. Perfeita, na verdade.

Tem uma elegância seria, mas chamativa.

— Bom dia, Senhor Barreto, como se sente?
— pergunta, ainda com o sorriso de primavera presente no rosto.

— Eu morri? — pergunto de volta, meio desorientado. Minha cabeça dói cada vez mais.

— Não. Por que pensaria isso? — Nunca vi olhos mais bonitos e expressivos em toda a minha vida. São exóticos.

— Porque estou diante de você, um anjo — respondo sem pensar. A presença dele me deixa

meio abobalhado, mas a voz... Alguma coisa me diz que já a tinha ouvido em algum lugar. Dos meus sonhos, talvez.

— Eu estou longe de ser um anjo, rapaz — diz sem jeito, genuinamente envergonhado. — Sou o Doutor Gastão Souza, médico residente do Hospital Santa casa. O Senhor foi atropelado hoje cedo por um carro, o motorista que o trouxe. Disse que se jogou na frente de uma moto para salvar uma menininha, mas ele vinha logo atrás e não deu tempo de ele desviar de você. Parabéns pela sua atitude, foi admirável. — Ele dá uma pausa, olhando para mim intensamente, e é preciso a enfermeira ao seu lado chamar nossa atenção com um pigarreio longo.

— O fato é que você está bem, rapaz. Terá alta amanhã cedo — informa a enfermeira em um tom repressivo. Acho que não gosta do jeito que o

PERIGOSAS NACIONAIS

médico me olha. — Antes que eu me esqueça, sua equipe de trabalho está alvoroçada na sala de espera, aguardando para vê-lo. Tem um Delegado esquentadinho, que está dando trabalho querendo entrar a qualquer custo para ter certeza que está tudo bem. — Solto uma gargalhada, sabendo bem como o Delegado fica quando está nervoso.

Tenho muita sorte em tê-lo como amigo. Sempre tão preocupado e presente em minha vida como se fosse um irmão mais velho.

— Mas e a menina e o cachorrinha dela. Eles estão bem? — Tento levantar, mas não consigo.

— A pequena Ana Clara e o seu cãozinho, Toby, estão ótimos! Não se preocupe — diz o doutor, rindo.

— Podemos continuar com a visita de rotina, doutor Gastão? Ainda faltam muitos leitos

PERIGOSAS ACHERON

para passarmos — rosna a enfermeira de cara amarrada.

Ele assente, mudando o tom e a expressão para algo mais formal.

— Só conseguimos falar com a sua família agora, Barreto. Eles já estão a caminho. — Não pude deixar de sorrir ao ouvir o meu nome sair da boca do médico com intimidade, como se nos conhecêssemos a vida toda.

O engraçado é que a sua voz também me parece familiar.

Ao encará-lo fixamente, em especial para os seus olhos que se encontram fixos aos meus, não preciso de mais nada para lembrar de onde o conheço. É o rapaz que vi por acaso semanas atrás, andando na chuva após ser maltratado de forma cruel pelo próprio pai no Morro do Alemão.

Por ser algo que seu genitor não aprova de

jeito nenhum.

— Sabia que cedo ou tarde a gente ainda ia se encontrar. eu sabia! — sussurro baixinho, sorrindo feito um idiota.

— Você disse alguma coisa? Está se sentindo bem, Barreto? — ele pergunta preocupado, levando a mão na minha testa para ver se estou febril. Quando nossas peles se tocam, uma corrente elétrica atravessa meu corpo como se nossas almas estivessem se fundindo.

Doutor Gastão puxa a mão imediatamente.

Assustado.

Ele também sentiu algo forte. Tenho certeza.

— Eu estou bem, obrigado! — respondo sem graça, ajeitando o travesseiro nas minhas costas.

— Bom, agora precisa descansar um pouco.

Volto mais tarde para ver como está.

— Ficarei esperando ansioso... Que dizer... Eu... — começo a gaguejar, estou nervoso. Ele me deixa assim, sem palavras. Sua presença me tira o foco de qualquer outra coisa, até mesmo das palavras. — Acho que estou precisando descansar mesmo, até mais tarde.

Ele sorri, tímido, e vai embora, deixando um sorriso no meu rosto também. A enfermeira olha feio para mim, balançando a cabeça e vai embora. Viro o rosto para o lado e fico pensando na vida. Existe um turbilhão de sentimentos voando no meu estômago, como borboletas eufóricas com a chegada da primavera.

Acabo cochilando, mas acordo com pessoas falando alto no meu quarto.

— Que porra é essa desse doutorzinho Gastão ser seu amigo de infância, hein, Júlia? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouço o Delegado rosnando, então continuo parado, fingindo que estou dormindo e trincando o dente, segurando o riso na espera de ver onde isso vai dar.

— Cala a boca, Ricardo! Estamos em um hospital. Em casa conversamos sobre isso. Eu conheci Doutor Gastão quando tínhamos pouco mais de três anos. A família dele era vizinha da minha. — Júlia se esforça para falar baixinho, mas a vontade dela é gritar com o pai dos seus filhos para parar com esse ciúme todo sem sentido.

— Não me irrita, Júlia! Treze anos não é mais criança, só falta me dizer que deu seu primeiro beijo com esse cara — ele resmunga.

— Pior que foi mesmo, amor. Mas pode ficar tranquilo, foi apenas para confirmar se ele gostava ou não de meninas.

— E? — o delegado pergunta e o meu coração quase sai pela boca.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele gosta de meninos, pode ficar tranquilo. Mas o pai dele não o aceita por conta disso, é crente doente. Aliás, é um dos fiéis fanáticos da igreja em que o pai golpista da Yudiana é pastor. — Fecho os olhos com força, agora entendo o porquê de aquele senhor estar sendo tão duro com o Doutor Gastão outro dia.

Infelizmente, muitos jovens não tiveram a mesma sorte que eu, de ter uma família que o ama acima de tudo, independentemente de qualquer coisa.

— Vocês dois já terminaram a DR, ou eu ainda preciso fingir que estou dormindo? — brinco, me sentando na cama, e a Júlia quase morre de vergonha. Já o Ricardo começa a gargalhar da situação.

— E aí, meu amigo. Você mal saiu do hospital e já está de volta? — O delegado vem e me

PERIGOSAS NACIONAIS

abraça de leve para não me machucar, depois a Júlia faz o mesmo, com muito carinho.

— Que susto deu na gente, Barreto. Sem o nosso padrinho número um não poderia ter o casamento na semana que vem — brinca a noiva do meu chefe. — Sua família já chegou faz um tempinho. Já vieram te ver antes de nós. Mas como você ainda estava dormindo, foram tomar um café — ela conclui.

— Eu não perderia esta festa por nada, Júlia — Digo e os dois acham graça.

Conversamos mais um pouco, depois meus pais voltam com os meus irmãos e então é só alegria. Enquanto eles conversam, fico observando, pensando em como tenho sorte em ter tantas pessoas especiais em minha vida.

As quais eu faria qualquer coisa por elas, e elas fariam qualquer coisa por mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Durante a noite, mesmo eu não vendo necessidade nenhuma, Doutor Gastão voltou várias vezes para me examinar. No entanto, se manteve muito sério e profissional o tempo todo. Não consegui parar de pensar no que Júlia falou sobre o pai dele não o aceitar do jeito que é. Na verdade, sinto que ele mesmo não se aceita como é.

A regra é uma só: quando a gente se aceita, o mundo nos aceita! Só assim é possível ser feliz de verdade, estando satisfeito com o que vê no espelho todo dia de manhã.

Contudo, tenho certeza que assim como eu, ele sente uma corrente elétrica percorrendo todo o seu corpo quando me toca, posso ver isso dentro dos seus olhos. Pelo menos agora sei o seu nome.

Gastão Souza. E o que mais me chama a atenção nele não é a boa aparência, mas sim a humildade.

As técnicas de enfermagem comentaram comigo que ele atende de graça em um postinho público improvisado na Rocinha. O trabalho dele é muito respeitado, até mesmo pelos bandidos que comandam o lugar, antes a mando do Binladem.

Em todo lugar que passei, tinha a esperança de vê-lo, porém, isso nunca aconteceu. Depois que tive alta do hospital, nunca mais o encontrei novamente. Nos conhecemos por acaso, inesperadamente. Não vejo nenhum sinal de que nossos destinos possam de fato voltar a cruzar um dia.

Eu sou um homem quebrado e ele... Bem, parece não se aceitar como é veridicamente.

*

Os dias foram passando rápido, e minha

vida voltou à rotina normal. Do trabalho para casa, da casa para o trabalho. Até que o dia do casamento do Delegado chega, e o homem parece uma pilha de nervos ambulante. E eu não estou muito diferente, afinal, sou o padrinho dele.

No entanto, o motivo do meu nervosismo não é o casamento em si. Mas sim quem acabou chegando bem no meio da cerimônia.

Doutor Gastão!

Exalando seu charme e elegância, digamos que saber impressionar esteticamente aos olhos dos demais é, com certeza, um de seus atributos.

Ele está muito vestido em um terno *off white*, o cabelo afro em cachos minúsculos muito bem cortados e arrumados. Seus olhos parecem quase verdes devido os raios de sol. Júlia e o Delegado optaram por casar na praia.

Gastão sentou bem no banco em frente ao

PERIGOSAS NACIONAIS

local onde eu estava no altar, me segurei a cerimônia toda para não ficar olhando para ele, o que não deu muito certo. Trocamos olhares o tempo todo, na pista de dança, então, rolou um climão. Júlia logo percebeu porque fazia de tudo para criar uma situação para ficarmos sozinhos. Eles foram grandes amigos na infância, por isso ela, quando o reencontrou no hospital, convidou para o seu casamento.

— Barreto, será que poderia me ajudar com as malas? Eu e o Ricardo vamos fugir no meio da festa para nossa Lua de Mel. Ele ficou enrolando os convidados enquanto eu arrumei nossa bagagem. Pensei que seria pouca coisa, mas só as minhas coisas deram três malas — Júlia pede docemente. O meu Chefe ganhou na loteria se casando com ela, porque é uma mulher forte e determinada, sem deixar de ser gentil.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que sim, Senhora Avilar. — Faço continência como se estivesse no exército, em frente ao meu superior.

— Onde está vendo alguma dona aqui, Barreto? Larga de bobeira, criatura. — Solta uma gargalhada gostosa, jogando a cabeça para trás, fazendo a montureira de cachos do seu cabelo balançarem. Ela é uma das noivas mais linda que já vi.

— A Senhora agora é a mulher do meu chefe, tenho que te tratar de forma respeitosa — brinco, mas falando muito sério.

— Antes de seu chefe ser meu marido, ele é seu amigo. E amigo do meu marido, e meu amigo também, então para de bobeira e vem me dar um abraço.

— Tio Barretooooo! — A Maria Lara chega saltitando e agarra a minha perna. Acho uma graça

o vestidinho de princesa dela.

— Oi, gatinha! — Jogo-a para o alto.

— Estava com saudades, tio. — Beijo a pontinha do seu nariz.

— O tio tem trabalhado demais junto com o seu pai, mas prometo vir brincar com você sempre que der.

— Vamos ficar esperando. Sabe o quanto é bem-vindo em nossa casa.

— Está bem, Júlia, muito obrigado! Agora vou buscar as suas malas antes que o Delegado chegue aqui e veja-nos abraçados e me dê um tiro.
— Rimos os dois.

— Vou ajudar o Senhor, tio — a princesinha oferece ajuda é minha vontade é apertá-la de tão fofa.

— NÃO! — sua mãe praticamente grita, puxando a menina para o seu colo. — Seu pai está
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

te chamando lá fora, filha, vai ver o que ele quer.

— Sorri sem graça para a pequena.

— Mas eu vim de lá agora, mãe, o meu pai que pediu para vir atrás da Senhora. — Maria parece confusa, e a mãe morta de vergonha.

— Ele acabou de me mandar uma mensagem, filha. Vamos logo ver o que o seu pai quer. — As duas saem quase correndo, não entendendo nada, deve ser coisa de mãe e filha.

Subo as escadas rindo das duas, e assim que abro a porta do quarto deles, quase tenho um troço. Dou de cara com Gastão do lado de dentro, me olhando tão confuso quanto eu o encaro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Gastão

Fiquei muito feliz ao reencontrar minha amiga de infância, Júlia, por acaso recentemente em um dos hospitais onde trabalho. Vim em seu casamento com muito carinho, afinal ela sempre foi gentil comigo. Desde antes de eu sair do Morro do Alemão e virar médico.

No meio da festa ela disse que ela e o marido iriam fugir para adiantar a lua de mel e me pediu ajuda com algumas malas, mas ao chegar ao quarto dela, não vi nenhuma. Ouço o barulho da porta se abrindo e penso que seja ela, que deve ter vindo dizer onde estavam.

— Júlia, onde estão as malas? — Quando

me viro, imediatamente percebo que não se trata dela, mas sim de dois olhos inseguros me observando, os quais eu conheço muito bem, pois não saem de minha cabeça desde quando os vi no hospital pela primeira vez.

Isso não pode acontecer. Sinto que é errado ficar pensando em outro homem dessa forma. Nunca aceitei bem minha orientação sexual, sofri muito na mão do meu pai por causa disso, mas não nasci assim porque quis. Porém, ele nunca entendeu isso. Diz que é coisa do diabo, e que somente na igreja do pastor Jackson, a qual ele segue, vou conseguir obter a cura “gay”.

— Desculpe, não sou a Júlia! Na verdade, ela me pediu para ajudá-la com umas malas, mas pelo jeito pediu a sua ajuda também — exclama com o rosto tomado por um tom extremamente vermelho. Eu não sou o único nervoso nessa

PERIGOSAS NACIONAIS

situação. É claro como água da fonte o que a Júlia fez. Com certeza notou a nossa troca de olhares durante o casamento e armou esse encontro ridículo, achando que pode acontecer algo a mais entre eu e o amigo do seu marido.

Nunca!

Prefiro morrer do que me submeter a essa vergonha. Por mais que eu deseje namorar, outro homem não está nos meus planos.

— Ela deve ter se confundido, então, ou alguém já deve ter passado para levar a bagagem deles antes de nós — respondo depressa, passando por ele na porta sem olhá-lo. Só quero sair dali logo.

Só que Barreto se achou no direito de me segurar pelo braço. Ele tem a respiração ofegante e o coração bate tão alto que posso ouvir, igual ao meu. O clima entre nós é quase que palpável.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor, me solte, não faça isso comigo! — imploro.

Ele precisa me deixar ir, antes que eu não possa mais resistir ao que sinto dentro de mim quando me olha assim com esse jeito doce.

— Fugir não adianta, Doutor. Temos que conversar sobre o que está acontecendo entre nós. — A voz dele sai baixa, quase que um sussurro.

— Não está acontecendo nada entre nós, você está louco! — tento negar.

Mas o seu perfume suave está me desnorteando, tirando completamente o meu foco de continuar negando algo visivelmente inevitável. Para piorar, Barreto é um rapaz atraente. Moreno alto, de postura séria, típica dos policiais, mas basta um segundo ao seu lado para perceber a pessoa doce que é.

Aquele tipo que dá vontade de abraçar e não

soltar nunca mais.

— Tem certeza que não está acontecendo mesmo nada entre nós, Gastão? — Me impressa na parede, com a boca bem próxima da minha.

Próximo demais.

— Desculpe, eu não posso! — Viro o rosto para o lado.

— Não pode é deixar o seu pai dizer quem deve o não ser, quem não te aceita como é. Com certeza não merece a sua presença. Tampouco o seu amor — ele diz, e o meu coração sangra dentro do peito.

Não existe nada pior do que ser aquilo que mais repugna, e não poder fazer nada para mudar. Odeio ser gay.

— Você não sabe nada sobre mim, Barreto! Quem pensa que é para falar com essa intimidade sobre a minha vida? — Aproximo o rosto do seu,

PERIGOSAS NACIONAIS

completamente irado. O calor da sua respiração toca a minha pele e eu sou obrigado a ser forte para não entregar os pontos. — Eu soube que você gosta de meninos assim que coloquei os olhos em você no hospital. Não se importa mesmo nem um pouco que as pessoas saibam da aberração que você é? Onde já se viu isso, um policial gay?! Por isso evito ao máximo que os outros saibam que eu sou homosse... homo... — tento dizer a palavra, mas não consigo.

É como se a palavra queimasse meus lábios quando pronunciada, e é assim desde a primeira surra que levei do meu pai, quando ele descobriu minha homossexualidade.

Deus! O que fizeram comigo? Me transformei em um monstro igual ao meu pai, que julga as pessoas sem ponderar nada antes.

Dou um passo para trás, transtornado. O

PERIGOSAS ACHERON

jeito piedoso que ele me olha está me matando aos poucos.

— Eu sinto muito, Gastão, muito mesmo! Queria que você tivesse tido a mesma sorte que eu, de nascer em uma família amorosa. Que me amou no instante em que nasci, independente da minha opção sexual ou qualquer outra coisa. Porque o que importa mesmo, no final, é somente a opinião das pessoas que se importam comigo de verdade. Não com o fato de eu ser HOMOSEXUAL ou não. — diz tudo o que eu mereço ouvir, assim, doa a quem doer. — Você não faz ideia do quanto o preconceito é capaz de arruinar as pessoas. Há menos de um ano eu e o meu namorado fomos atacados por uma gangue homofóbica quando saímos de uma festa. Ele morreu, e eu fiquei por semanas entre a vida e a morte na UTI. Então não venha dizer que eu sou um monstro, porque monstro são as pessoas que fizeram isso comigo — PERIGOSAS ACHERON

diz aos gritos. Ainda bem que o som está alto lá em baixo e ninguém deve ter ouvido. Não me perdoaria se estragasse a festa de casamento da minha amiga.

Barreto solta-me, na intenção de ir embora.

Sou tomado por um impulso de coragem e o impeço de sair do quarto, trancando a porta. Pela primeira vez estou pensando no que eu quero e não no que as pessoas pensam de mim.

Me aproximo de Barreto. Ele não se move.

Seguro sua mão, e ele a aperta com carinho.

Enfim o beijo que eu venho desejando desde que o vi pela primeira vez no hospital acontece, calmo e sereno como uma brisa de verão.

Quem eu estava querendo enganar? Eu gosto do Barreto, e quanto mais o conheço, gosto mais ainda. Sua força, o caráter e principalmente a coragem de assumir quem é, me encanta.

No começo nosso beijo é tímido, inocente e

PERIGOSAS ACHERON

sem nenhuma maldade. E bom, muito bom! Sua mão alisa meu rosto bem de leve, com carinho. Sorrio sem separar nossos lábios, sentindo-me como se estivesse me libertando de uma prisão que vivi aprisionado por anos.

— Eu estou com medo do que estou sentindo, Barreto — sussurro com a testa apoiada na dele, sua mão continua alisando meu rosto.

— Eu também, Gastão. Como disse, recentemente perdi alguém importante para mim, não sei se aguentaria passar por isso novamente. — Seguro seu rosto entre minhas mãos, sabendo exatamente o motivo do seu medo.

— Eu passei a minha vida toda sendo o que as pessoas queriam que eu fosse, mas estou cansando disso. Quero ser feliz, não perfeito. — Beijo seus lábios novamente, bem de leve. — E eu quero ser feliz com você, Barreto. Acredita em

PERIGOSAS NACIONAIS

amor à primeira vista? — minha pergunta o faz sorrir lindamente.

— Passei a acreditar depois que te conheci, Doutor Gastão. — Nos beijamos novamente, e depois desse vêm vários outros.

Depois desse dia começamos uma relação que parecia mais de amigos, saímos juntos para todo lado.

Aos poucos foi se tornando mais séria, fomos morar juntos. Barreto me levou para conhecer a família dele, que foram um amor comigo. Já a minha, me excluiu de vez quando contei sobre o nosso relacionamento. Meu pai disse que estou morto para ele e me proibiu de falar com a minha mãe.

Eu não os procuro mais.

Quem não me respeita como sou, não merece minha presença.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Barreto

Nunca estive tão feliz em toda a minha vida. O destino me presenteou com uma segunda chance de ser feliz. Estou com alguém que me faz sentir imensamente completo novamente, e que se preocupa comigo. Cuida de mim e me ama de verdade, estamos sempre saindo juntos como um casal apaixonado, andando de mãos dadas pela rua. Gastão não sente mais vergonha da sua orientação sexual e isso me enche de orgulho.

Não para o pai dele.

Que não faz questão nenhuma de me conhecer.

Outro dia Gastão quase enfartou quando

PERIGOSAS NACIONAIS

liguei para ele dizendo que havia levado um tiro de raspão no ombro e estava no Pronto-Socorro do hospital onde ele trabalha. Havia sido baleado por um bandido que tentou roubar o celular de um Senhor que estava passando pela calçada. Além de pegar o celular dele, iria atirar no pobre homem.

A sorte foi que eu estava próximo na hora e entrei na frente para que acertasse em mim. Mesmo com colete à prova de balas, fez um bom estrago no meu ombro. Mesmo ferido, não deixei o criminoso levar o celular. O Senhor João, além de ficar me agradecendo a toda hora e ter aguardado o SAMU chegar para me socorrer, ainda me acompanhou na ambulância para ter certeza que ficaria realmente bem. Ainda disse que queria ter um filho herói como eu, de bom coração e corajoso. No hospital ficou contando piadas para mim, disse que era para distrair da dor até que o médico chegasse para me atender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fiquei tão preocupado quando me ligou dizendo que levou um tiro. Fico feliz de ver que está bem, amor. — O Gastão chegou preocupado, me abraçando forte.

Eu estava sentado em uma maca com a farda toda suja de sangue, conversando animadamente com o Senhor João. Ele realmente estava grato por ter recebido o tiro no seu lugar no assalto, fez questão de me acompanhar até o hospital.

— Ei, não se preocupe, estou bem. — Segurei seu rosto para que olhasse para mim, tinha os olhos banhados por lágrimas.

Pelo fato de eu ter me tornado a pessoa mais próxima dele, já que a família o abandonou. Meu namorado ficou muito apegado a mim rapidamente.

— Não sei o que faria se acontecesse alguma coisa com você, é tudo o que tenho agora.

PERIGOSAS ACHERON

— Abraçou-me novamente, dessa vez mais forte. Estava muito emotivo e não era apenas por causa do tiro que levei.

— Então é com ele que você está morando, Gastão? — O Senhor João tinha a voz alterada, não parecia mais o homem simpático que estava conversando comigo instantes atrás.

— Sim, pai, Barreto é meu namorado. E não vou admitir de forma nenhuma que seja grosso como ele, como foi comigo durante a minha vida toda. — Fico extremamente orgulhoso do meu amor, da forma como me defendeu e impôs sua vontade perante o preconceito do pai.

— É isso mesmo, Senhor João, eu e o seu filho estamos juntos. Amo o Gastão, ele é uma pessoa maravilhosa que aprendo a amar cada dia mais. Na ambulância, durante o caminho até o hospital, disse que gostaria de ter um filho herói,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas tem um que salva vidas todos os dias e é mais herói do que eu e não valoriza — digo e o senhor de cabelos grisalhos à minha frente abaixa a cabeça, envergonhado. Não satisfeito, continuo. Ele precisa saber do estrago que o seu preconceito fez e faz na vida do filho. — Sabia que ele tem pesadelos quase todas as noites dizendo “*pai, me perdoa, eu te amo*”, e acorda chorando? Isso me deixa extremamente triste. Saber que a pessoa que eu amo sofre por uma coisa que não tem culpa, por ser quem é de verdade. O meu pai sempre me diz que me amou no instante em que me viu pela primeira vez, porque sou filho dele independentemente de qualquer coisa.

— Eu... — O pai do Gastão começou a falar, mas não terminou a frase, foi embora correndo feito um raio. Abracei meu namorado, e deixei que desabasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois que fui atendido, não achei necessário ficar internado porque o tiro foi de raspão no meu ombro. Sem condições de continuar trabalhando, Gastão foi para casa comigo e passou o resto do dia chorando nos meus braços. Aquele assunto mexia demais com ele.

— Precisa superar isso, amor, não pode deixar te afetar dessa forma. Você não está mais sozinho agora, somos duas almas habitando um mesmo corpo, um só coração. — Afaguei os seus cabelos, estávamos deitados no sofá debaixo de um cobertor, vendo TV.

— Quer se casar comigo, Barreto? — perguntou no susto.

Pisquei algumas vezes, paralisado, não acreditando no que acabei de ouvir. Eu havia sido pedido em casamento, e pela pessoa a qual amo de todo o meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

— Claro que eu aceito, amor, mas para mim já somos casados desde que começamos a morar juntos. Sempre soube que seria meu para sempre.

— Roubo um beijo, fazendo-o sorrir, tímido.

— Quero que seja meu, de papel passado, com uma casa grande e muitos filhos correndo para todo lado. Quero uma família grande!

— Filhos? — Sorriu com a ideia. Sempre amei crianças.

— Sim, Barreto, podemos adotar um monte de crianças igual seus pais fizeram! — Aconchegou-se mais nos meus braços, depositando um beijo no meu pescoço.

— Isso me parece um bom plano, amor! — disse.

Nós dois sorrimos, aconchegando um nos braços do outro.

...

Um ano depois disso, estávamos casando, Ricardo e Júlia foram meus padrinhos. Para a nossa surpresa, o pai do Gastão e a mãe dele, assim como os irmãos, apareceram em nosso casamento, que foi ao ar livre, no campo.

Estávamos ambos vestidos de branco diante de um altar muito bonito, enfeitado com flores de todas as cores.

Eu não sei se ele chorou mais por causa da emoção por estarmos nos casando ou pela presença da família dele, os quais fiz questão de convidar pessoalmente. Não sabia se viriam, joguei na sorte, mas confesso que fiquei muito feliz por terem aparecido.

Principalmente o turrão do pai dele. O

homem é carne de pescoço.

— Obrigado por ter vindo, pai. Não sabe o quanto me fez feliz com isso! — Gastão estava todo sem jeito perto do Senhor João, pareciam até dois estranhos.

— Quero que saiba que sempre te amei, filho. Não vou dizer que concordo com a vida que escolheu para você, mas aceito suas escolhas. O Barreto é um bom rapaz, ele te fazendo feliz, para mim está ótimo! — disse com um tom severo, mas com uma lágrima escorrendo pelo rosto.

— Também te amo, pai! Meu maior sonho sempre foi que me aceitasse do jeito que sou. Queria ser bom o suficiente para que sinta orgulho de mim, vou lutar para que isso aconteça. — Todos ficaram emocionados nesse momento, até o Delegado.

— Sinto orgulho de você desde o dia que

PERIGOSAS NACIONAIS

ganhou uma bolsa integral em medicina apenas com o seu esforço e dedicação. O pessoal da casa grande fica doido quando o povo da senzala vira doutor!

Todo mundo riu, daí em diante foi só festa e alegria. Meu pai e sogro logo fizeram amizade, afinal, não tem tempo ruim com o meu velho.

— Você está feliz, amor? — perguntei abraçando meu marido, enquanto olhávamos nossos parentes e amigos reunidos em um dia tão especial em nossas vidas.

— Muito feliz, Barreto. Não faz ideia do quanto! — afirmou, sério, depois sorriu amplamente. — Promete me amar até o meu último suspiro? — perguntou Gastão, me abraçando forte. Estávamos olhando as crianças brincando alegremente pelo jardim. — Nunca imaginei ser tão feliz como você me faz!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu prometo te amar até depois da morte! Do nosso relacionamento, que muita gente por aí diz ser um “*Amor proibido*”, só resultaram coisas boas. Nossa felicidade e os nossos filhos, que estão por aí em, algum lar, nos esperando para fazer parte da nossa família, são prova disso!

— Nosso *amor proibido* nunca será aceito pela maioria das pessoas, mas desde que tenhamos sempre um ao outro, não precisamos da aceitação de mais ninguém para sermos felizes. — sussurrou meu marido, e me abraçou ainda mais forte.

Meus lábios tocaram apaixonadamente os lábios da pessoa a qual quero viver todos os dias da vida ao lado e, construir uma bela história com direito a uma aconchegante casa no campo, cheia de filhos correndo para todos os lados.

Uma família totalmente fora dos padrões impostos pela sociedade, mas cheia de amor ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próximo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Dedico esse conto ao meu melhor amigo que é o Barreto na vida real, o ser mais doce e gentil que conheço na vida. Ele assumiu para mim que é homossexual muitos anos depois da nossa amizade, tinha medo de eu deixar de amá-lo por conta disso. Seu medo era tão grande que só teve coragem de revelar por mensagem, não respondi nada na hora. Fui até ele pessoalmente, o abracei bem forte, e ele tinha o rosto banhado por lágrimas, eu disse:

“Eu sempre soube que você era gay, afinal sou sua amiga e te conheço melhor que ninguém. Mas esperei o momento certo para que viesse de você a decisão de contar, fico feliz que esse dia chegou. Agora podemos babar juntos nos boys

saradões que passarem por nós na rua haha. Parabéns por sua coragem. O que faz eu te amar tanto não é a sua orientação sexual, mas sim a pessoa maravilhosa que é. O caráter maior que o mundo, assim como o coração.”

Por autora Mari Sillva.

Mais sobre informações sobre esse lançamento, e todos os meus outros livros em:

**Grupo no facebook: Romances - Mari
Sillva:**

<https://www.facebook.com/groups/263457>

Instagram:

<https://imgaddict.com/user/autoramarilia/545838>

Wattpad:

<https://www.wattpad.com/user/MarliaSillva>

Página:

<https://www.facebook.com/autoramarisillva/>

Próximo lançamento.

Livro Juiz Thompson.

“O homem que não ama, fica obcecado...”